

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE
VOLUME XXVII



SÃO PAULO

1980

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O SOBRENATURAL NA CULTURA XINGUANA

Nobue Myazaki (*)
Yolanda Lhullier dos Santos (**)

ABSTRACT

This paper is an introduction to a larger one, and deals with the material collected during a series of field work carried out in the High Xingu River Region.

We made an interpretation of 95 pictures collected with adult and adolescent Indians of Waurá and Mehináku groups.

These "beings" were mentioned by chroniclers and missionaries of the XVIth century; they are living in a natural habitat: rivers, forests and other places. They make part of a pictorial mythology related to fantastic elements which live in the Indian mythology.

These "beings" similar to humans were painted for us on paper, but we also observed them painted on tree bark.

This figurative transcription is a reproduction of a visual image with variants.

No campo da Antropologia encontra-se uma extrema variedade de representações figurativas dos chamados "seres sobrenaturais" que, tanto pela sua riqueza artística como simbólica, merecem uma análise em profundidade. Pretendemos neste trabalho analisar alguns dos chamados "seres sobrenaturais", aos quais é atribuída uma força mágica que, pelo fato de transcender a natureza destes seres, age sobre os homens, animais e mesmo objetos inanimados.

É apontada a sua presença na maior parte do universo mítico-religioso das tribos indígenas brasileiras, e, entre aqueles que se têm debruçado na análise das crenças ameríndias, Eduardo Galvão (1955: 91), afirma que "a origem ameríndia, e mais particularmente tupi-guarani, de crenças e con-

(*) Do Setor de Arqueologia do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

(**) Do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

cepções de sobrenaturais como as do Boto e outros seres, que na concepção do caboclo habitam a água, o fundo dos rios ou as florestas, são identificações que merecem crédito". Não nega, entretanto, que haja empréstimo europeu, o que não as invalida pois constituem parte integrante e ativa da crença indígena. "O mesmo se pode dizer das divindades ou espíritos maléficos, que embora de origem aparentemente ameríndia aproxima-se modernamente de crenças européias como a dos lobisomens." (Galvão, 1955:52).

Cronistas e missionários do século XVI legaram descrições destes "seres". Dentre os indígenas, eram os Tupinambá que mais estavam envolvidos, aceitando a presença de uma variedade deles, habitantes do mundo da natureza. Matas, rios e, principalmente, locais mais reconditos e de difícil acesso serviam como "habitat" natural. Errando continuamente, estavam porém sempre atentos, em estado de constante vigília. Muitas vezes costumavam aparecer sob a forma de animais, como ainda hoje se crê: pássaros negros, morcegos ou salamandras, que têm o poder de se tornarem invisíveis. Outras vezes aparecem como animais que adquirem proporções descomunais.

Métraux (1928:69), referindo-se aos Tupinambá, diz que eles tinham um medo supersticioso de um pássaro que, a julgar pela descrição de vários informantes "não seria outro que o matim tapirera (*Cuculuns caynus* L.). Estes pássaros seriam os mensageiros dos mortos, seus parentes, e os gritos eram interpretados como ordens do além". Observa-se entretanto, que não foram só os Tupinambá, os únicos indígenas da América do Sul a considerarem estes animais como receptáculos de almas humanas. Koch Grünberg (1923) enumera vários exemplos de tribos localizadas no Orenoco, que apontam também a sua presença dentro do universo mítico-religioso.

Um outro ser sobrenatural, bastante maligno e que aparece nas páginas dos relatos dos missionários e cronistas do século XVI é *Agnan* ou *Anhangá*. Ficou esta figura ligada à do diabo da religião católica. Acusado freqüentemente de atacar os seres vivos, os Tupinambá, diz Métraux, tinham um grande terror de qualquer agressão vinda de sua parte. André Thevet (1878:169), que esteve no Brasil Meridional em 1558, diz que os silvícolas constantemente pediam socorro dizendo: "Voys-tu Hipouchy Agnan, qui me bat et me tourmente: deffens-moy, si tu veux que je te serve, ét que je coupe du bois pour toy".

Jean de Léry, que veio na mesma época e para o mesmo local — a França Antártica —, menciona a presença de *Agnan* entre os silvícolas. Faz parte do seu relato "Viagem à terra do Brasil" uma prancha de bastante interesse — "Os brasileiros e os diabos" — ou, como no original em francês "Les diables viennent du ciel" (foto 1). Nota-se ali diversos animais marinhos, de tamanho descomunal, e outros alados de formas estranhas que descem do céu e espancam impiedosamente os indefesos silvícolas. Segundo Léry (1941: 189), os indígenas exclamavam em altos e la-

mentosos brados: "Defendei-nos de Ainhã que nos espanca." E afirmavam que o viam realmente sob a forma de um quadrúpede, ou de uma ave, ou de qualquer outra estranha figura. Tais afirmações corroboram as de Thevet que cita animais fantásticos e demônios que atormentavam os "selvagens" de forma desumana.

As inúmeras observações feitas por missionários e cronistas durante os séculos seguintes, XVII e XVIII, testemunham a presença destes "seres sobrenaturais" e merecem uma análise mais detalhada que esperamos fazer no futuro. É uma mitologia pictórica das mais interessantes, relativas a estes elementos fantásticos que povoam a mitologia indígena.

Em pesquisa realizada na região do Alto Rio Xingu, com os grupos indígenas Waurá e Mehináku, ambos da família lingüística Aruak, obtivemos várias ilustrações da concepção figurativa que os índios têm de alguns "seres sobrenaturais" (1).

Foram cerca de 95 trabalhos de adultos e alguns adolescentes. Colocamos à disposição dos "artistas" os materiais: cartolina, tinta guache e pincéis, dando completa liberdade para se expressarem, sem oferecer qualquer indicação ou sugestão. Assim, muitos deles não optaram pelo uso do pincel, empregando os próprios dedos ou uma haste de madeira com a ponta envolvida com algodão.

Observamos que nesta série de trabalhos apareciam algumas categorias de "seres sobrenaturais". Alguns com pequenas variações, como o formato das orelhas que eram diferentes, posição dos pés (de frente ou colocados lateralmente, de perfil), porém no corpo e nos membros poucas modificações haviam de um para outro.

Trabalho similar foi feito pelo pesquisador Manoel Vital que, como diz Fenélon Costa (1976), "pediu aos índios que representassem determinados sobrenaturais, a fim de que essas figurações fossem comparadas àquelas observadas em desenhos de outras tribos da mesma região, atendendo ao propósito de constatar a ocorrência ou ausência de modos padronizados de representá-los". Tópico este que também foi de nosso interesse, visando, posteriormente, uma sistematização das diversas categorias existentes.

Verificamos, outrossim, que muitas destas figuras desenhadas em cartolina, apareciam esporadicamente em troncos de árvores, principalmente naquelas que ladeavam o caminho que ia da aldeia Mehináku à lagoa. Já Karl von den Steinen (1940:319), registra o fato de se utilizar a casca de árvore como suporte e cita "apesar de aparecerem com pouca frequência, salvo entre os Nahuquá onde eram numerosos, encontravam-se figuras humanas entalhadas nas árvores do caminho entre o rio e a aldeia, ora com os contornos gravados na casca, ora com a casca retirada de toda a superfície." (foto 2).

(1) Pesquisa realizada durante viagens feitas a essa região nos anos de 1956, 1962, 1970 e 1971.

Observou que, em 1887, tinha visto figuras exclusivamente masculinas; porém, anteriormente, em 1884, uma figura feminina estava junto com outra masculina “diante da primeira aldeia Bakairí do Batovi, e outra feminina diante da segunda, figuras que eram gravadas, aproveitando-se com esperteza um aprofundamento.” (Steinen, 1940:320, fig. 38) (2).

Quanto ao desenho Bakairí em casca de árvore, que é formado por uma superfície recortada, diz von den Steinen ser “um grande progresso em comparação com os desenhos de traços, pois nas figuras que se distinguem bem os dedos, estes correspondiam exatamente aos três dos desenhos a lápis; os artelhos, porém, nunca podiam ser reconhecidos. As pernas terminavam informes, à maneira de meias. A nossa atenção, continua o autor, foi solicitada sobretudo pelas figuras encontradas em árvores do caminho dos Nahuquá e que ostentavam, de ambos os lados da cabeça, formações semelhantes a orelhas de burro, muito compridas, representando as pernas enfiadas nas orelhas” (Steinen, 1940: 319, fig. 37).

Nos desenhos coletados entre os Waurá encontramos a figura de um ente chamado *Apasa*. Segundo informações dos próprios índios “ele mora no mato e é muito bravo”. Num dos desenhos aparece todo pintado de preto. Não tem feições, mas leva bem marcante, no corpo alongado, o pênis. De ambos os lados da cabeça está representado um losango sem qualquer decoração (foto 3).

Em outro desenho deste mesmo ente sobrenatural, já os dois losangos da cabeça são reticulados e pintados de vermelho e preto. As feições são bem delineadas — olhos abertos e boca com os dentes à mostra. Nas mãos, os cinco dedos abertos e os pés mantêm-se em posição lateral (foto 4).

Em outro desenho deste mesmo ser, temos duas figuras, uma talvez masculina e outra feminina, apesar de não apresentarem o órgão sexual. Diferenciam-se quanto ao tamanho e formato, pois um deles tem a cabeça mais alongada e leva um forte traço vermelho à altura da testa. Os dedos estão bem delineados, tanto os dos pés como os das mãos. Nódulos aparecem nos cotovelos e nos joelhos. Numa delas os braços e as pernas estão em movimento e dois triângulos saem da cabeça com círculos pintados de vermelho (foto 5).

Fenelon Costa (1976:74), faz referência a um sobrenatural *Yueyue-kuitxumá* dos Mehináku (*Añanũ* dos Kamayurá) que tem sempre “uma característica constante na figuração das várias tribos consideradas: a presença de grandes orelhas. Isto não quer dizer, entretanto, que todos os seres dessa categoria evidenciem características similares nos desenhos provenientes dos vários grupos tribais, embora ocorra certo grau de consistência quanto à iconografia de alguns: conforme a tribo e também o indivíduo que desenha, podem ser enfatizados aspectos diferentes, mas não contraditórios de sua morfologia e conduta, bem como dos atributos ou insígnias que lhes são próprias: armas, adornos ou alimentação especial.”

(2) Desenho em cortiça dos Nahuquá.

Interessante é o desenho representativo do *Añanũ*, que os Mehináku chamam de *Njumalu*, figura esta pintada em vermelho e preto. As orelhas e o rosto estão pintados em vermelho, enquanto o corpo está em preto. Os braços são longos e chegam até o chão, tendo dois nódulos em cada cotovelo. As pernas são extremamente curtas e os pés estão virados para a direita, mantendo-se de perfil. A cabeça é alongada, assemelha-se ao desenho do *Apasa* e de cada lado da cabeça saem dois triângulos. Observa-se que as feições estão bem marcadas — nariz, olhos e dentes.

Para os Mehináku este ser vive nas árvores das matas; arrebatava as pessoas que andam desprevenidas, deixando-as, porém, mais tarde, em liberdade. Isto não impede que elas fiquem tomadas por uma “loucura temporária”, o que faz com que seja muito temido pelos silvícolas.

Certa semelhança tem com o *Kilaimo*, espírito errante que vagueia pelos matos durante a noite e que é citado por von den Steinen — o *Kilaimo orioiko* — cuja tradução pode ser “diabo”. “Alimenta-se de ratos e passarinhos e não atravessa a água, esconde a caça morta e as setas atiradas nas coisas que caem das mãos da gente; respondem aos gritos de uma pessoa, e gritam para transviarem quem anda no mato.” (Abreu, 1938:271).

É preciso ressaltar a presença dos *Mamaé*, seres sobrenaturais. Segundo Zarur (1975:47) “os mamaés são figuras relacionadas a elementos do universo natural e que, por vezes, também se relacionam com alguma categoria da vida social. Há uma infinidade de mamaés, muitos deles sem relação declarada com elementos da ordem social. São mamaés de plantas, de peixes e de, praticamente, todos os animais de pelo. Estrelas podem ter mamaé e até um instrumento culinário feminino, a pá de virar beiju, tem mamaé”.

Os Mehináku o chamam de *Papanheên*. Entretanto, estão desaparecendo estas variantes que, possivelmente, habitam o mato e a floresta e possuem uma aparência próxima à do homem. Estão representados no chão e nos caminhos, nos troncos de árvores e em certos objetos da cultura material, como no zunidor, na pá de virar beiju, nos frisos e postes das casas, nas máscaras, etc.

Sobrevivência ou não de elementos vindos de culturas indígenas, sua presença ainda é marcante em algumas tribos do Alto Rio Xingu. A transcrição figurativa indica ser a reprodução de uma imagem visual padronizada pela própria cultura. As variantes coletadas nos diversos desenhos, como apontamos, não invalida esta hipótese. Há uma figura do ente chamado *Apasa* e esta se mantém constante nos diversos desenhos analisados. Reminiscência de um mundo sobrenatural ainda vivo e atuante dentro da cultura indígena do Alto Rio Xingu.



Foto 1 – “Os brasileiros e os diabos”. Extraída de Jean de Léry (1941).



Foto 2 – Figura entalhada dos Nahuquá. Extraída de Karl von den Steinen (1940).

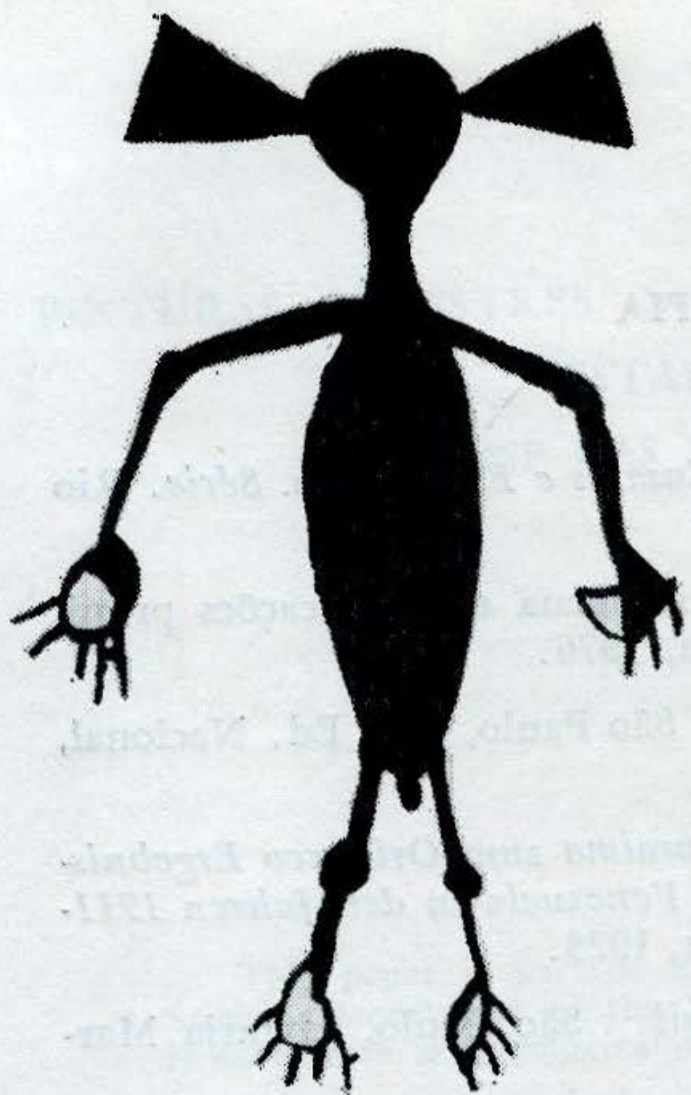


Foto 3 – Desenho de “Apasa”.



Foto 4 – Desenho de índio Waurá.

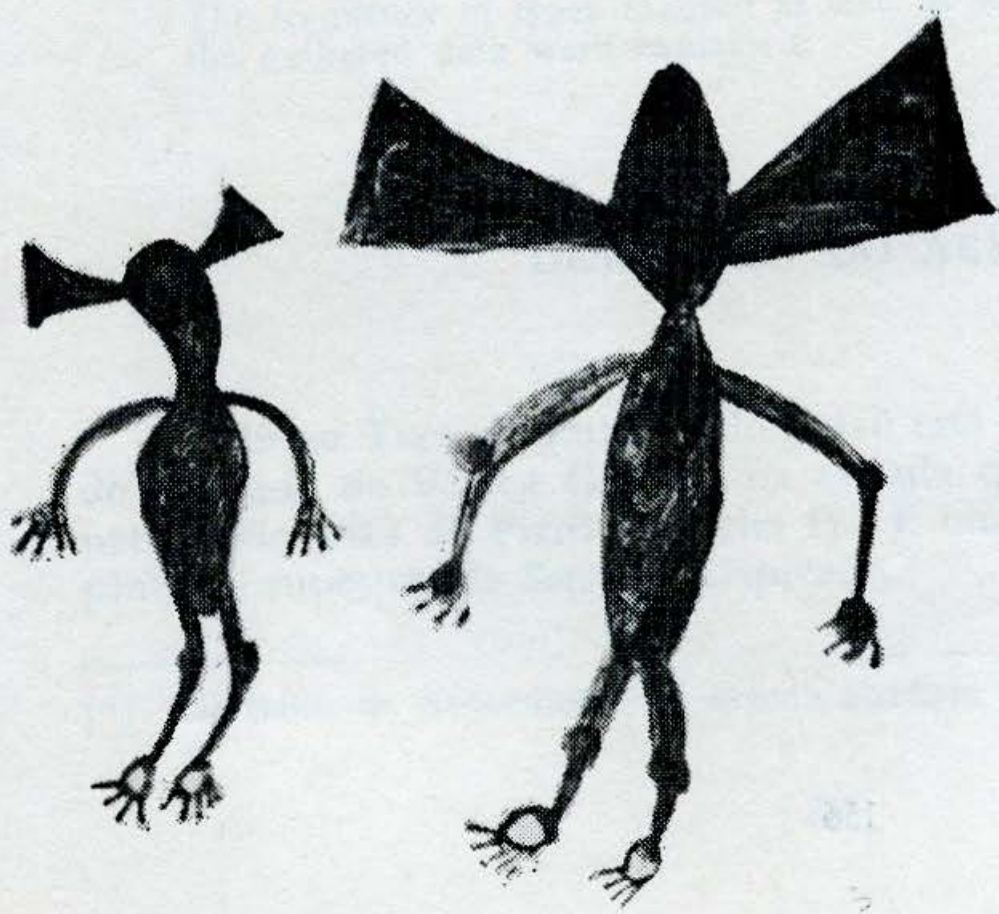


Foto 5 – “Casal de Apasa”.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano de. Os Bacairis. *Ensaio e Estudos, 3a. Série*. Rio de Janeiro, Livr. Briguiet, 1938.
- FENÉLON COSTA, M. Heloisa. Arte indígena e classificações primitivas. *Cultura*, (21), ano 5. Brasília, 1976.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, Série Brasileira, 1955.
- KOCH GRÜNBERG, Theodor. *Vom Roraima zum Orinocco Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913 — III — Ethnografie*. Stuttgart, 1923.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo, Livraria Martins, 1941.
- MÉTRAUX, Alfred. *Les Religion des Tupinamba*. Paris, 1928.
- STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1940.
- THEVET, André. *Les Singularitez de la France Antarctique*. Paris, 1878.
- ZARUR, George. *Parentesco, Ritual e Economia no Alto Xingu*. Brasília, FUNAI, 1975.